

RESENHA

*Lucas Tortora Ribeiro da Fonseca**

CHISHOLM JR., Robert B. **Da exegese à exposição: Um guia prático para o uso do hebraico bíblico.** Trad. Carlos Osvaldo Pinto e Marcos Granconato. São Paulo: Vida Nova, 2016. 384 p.

Robert Chisholm é professor titular de Antigo Testamento no Dallas Theological Seminary, no Texas, Estados Unidos. Tem bacharelado em teologia pela Syracuse University, mestrado em ministério no Grace Theological Seminary e mestrado e doutorado em teologia pelo Dallas Theological Seminary. Foi editor sênior de Antigo Testamento da Bíblia NET e é autor de sete livros, dos quais quatro estão traduzidos para o português: os comentários de 1-2 Samuel e de Juízes, *Interpretação dos Livros Históricos* e a obra em questão, *Da Exegese à Exposição: Um Guia Prático para o Uso do Hebraico Bíblico*.

A proposta do livro é ser um material didático para um curso intermediário de hebraico, o equivalente “ao segundo ano do curso de hebraico nos seminários” (p. 10). Além disso, o autor pretende que aqueles que passaram pelo seminário e estão desanimados com essa língua original tenham um renovado interesse pelo Antigo Testamento (p. 10) e, por fim, o autor tem como objetivo que a Bíblia hebraica volte a ser usada no ministério da pregação e no ensino da Escritura (p. 11).

O livro é dividido em 10 capítulos para que, tanto os alunos com nível básico de hebraico quanto pastores e professores que têm negligenciado o uso da língua original, possam cumprir o papel de realizar uma boa interpretação do texto do Antigo Testamento e expor esse conteúdo pela pregação e ensino, utilizando o método proposto por Chisholm. Para isso, o professor de Antigo

* Bacharel em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas. Missionário da Igreja Batista Fonte em Paulo Afonso. Mestrando em teologia (M.Div.), com área de concentração em Estudos Bíblico-Hermenêuticos, no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Testamento utiliza diversos exemplos bíblicos, comparações, exercícios e modelos práticos de exegese e exposição.

Diante dessa proposta introdutória, o primeiro capítulo do livro tem em vista expor o desejo e a necessidade de que pastores, professores e alunos de seminários usem a Bíblia hebraica e os conhecimentos dessa língua original na preparação de estudos e pregações, e não apenas como parte da formação acadêmica que requer algum tipo de aprovação curricular.

No segundo capítulo, Chisholm se dedica a levantar importantes ferramentas, impressas e eletrônicas, para o trabalho de exegese em hebraico. São sugeridos materiais de apoio e de tradução do texto, ferramentas lexicais, ferramentas gramaticais e sintáticas e ferramentas eletrônicas. É interessante perceber que o livro apresenta sugestões de materiais traduzidos para o português, que podem ser úteis para aqueles que não possuem facilidade de leitura em línguas estrangeiras.

Apesar de o livro ter tido sua primeira edição em português no ano de 2016 é importante observar que os materiais e ferramentas eletrônicas estão sempre se atualizando e se renovando. Pode ser então que algumas das ferramentas propostas já tenham sido alteradas ou descontinuadas, dependendo de quando o leitor for fazer sua pesquisa. Entretanto, esse livro é um dos poucos que tratam desse tipo de material no campo da exegese que podem otimizar o trabalho dos que estão empenhados em melhor estudar as Escrituras.

Dando continuidade ao conteúdo do livro, o tema da seção seguinte envolve a crítica textual do hebraico. Ainda que o autor não se aprofunde no assunto, ele oferece três sugestões relevantes com relação às decisões quanto ao texto. A primeira é que as “decisões de crítica textual não devem ser feitas exclusivamente com base em evidências externas” (p. 24). Para isso o autor recomenda um bom comentário crítico a fim de identificar a melhor tradição das testemunhas em consideração.

A segunda decisão é avaliar internamente o texto com as “considerações gráficas, léxicas, sintáticas e contextuais” (p. 24). A terceira e última decisão é ter em mente que às vezes serão necessárias emendas e reconstruções, uma vez que “uma cópia pode ter sido corrompida no início e o texto se torna absurdo” (p. 25). O capítulo ainda apresenta exemplos de escolhas textuais e exercícios de fixação do tema.

Após definir qual texto deve ser estudado, o autor passa a abordar como as palavras funcionam, ou seja, os seus significados, os erros semânticos, a avaliação de sinônimos e o jogo de palavras como repetição, sonoridade, ambiguidade e alusão. Novamente, Robert Chisholm utiliza diversos exemplos de como esses temas aparecem e demonstra com clareza a sua importância para melhor entender um texto ou um assunto estudado. Ao final desse quarto capítulo existe uma lista de referências bibliográficas para consulta no campo da semântica e um exercício prático analisando o texto de Gênesis 6.5-13.

O próximo capítulo tem por nome “De volta ao arroz com feijão” e faz um resumo completo do que é visto em cursos básicos de hebraico. O foco é a sintaxe e, para isso, o autor não economiza exemplos que ajudam a relembrar as características do hebraico bíblico, como os substantivos, verbos, adjetivos, partículas, frases e orações. É um capítulo extenso, mas que representa muito bem o que é visto e estudado em um curso básico dessa língua original.

O capítulo 6 tem como foco representar as duas estruturas básicas da língua hebraica, a poesia e a narrativa. O autor decide por dividir os textos do Antigo Testamento nessas duas estruturas. Para Chisholm os textos poéticos são representados pelas preces, hinos e também pelos discursos proféticos. Já os textos narrativos estão presentes na “lei, nos escritos e em parte dos profetas” (p. 147).

Se na seção anterior o objetivo foi apresentar as duas estruturas básicas, o sétimo capítulo apresenta diretrizes para a interpretação de narrativas e poesia. Para isso o autor apresenta o modo como os leitores e exegetas devem abordar os textos narrativos e poéticos.

Na narrativa, o cenário, os personagens, o desenvolvimento do enredo, o ponto de vista e os discursos são alguns dos fatores a serem observados. Já na poesia, a comparação, personificação, metonímia, simbolismos, estereótipos e hipérboles devem ser observadas e consideradas no processo de interpretação e exegese do texto.

É apenas no capítulo 8 que o autor propõe um método exegetico. Aparentemente, ele usou boa parte do seu livro preparando um ambiente para a exegese e exposição. Ele compara esse processo com uma expedição na floresta e estabelece sete passos para uma boa exegese.

O primeiro passo é a delimitação do texto, seguido de identificação da unidade literária e de um esboço provisório. O segundo passo é fazer uma tradução inicial. O passo seguinte, chamado de “examinar as árvores”, é o momento de avaliar os versículos e as frases. Para isso o exegeta deve determinar o que cada palavra representa na frase e identificar as orações.

A quarta etapa é realizar um resumo das descobertas por meio de uma tradução atual e moderna. O passo número cinco é explicar como “cada detalhe do texto se encaixa literariamente em seu contexto” (p. 233). No sexto passo há o chamado “processo de sair da floresta”, ou seja, resumir o assunto e determinar os temas teológicos tratados. Por fim, o sétimo e último passo envolve olhar novamente para o texto em busca de algo não percebido antes.

Chisholm passa o restante do capítulo 8 trazendo textos narrativos e poéticos e dando cada um desses passos nos diversos exemplos levantados. O professor de Antigo Testamento fará algo semelhante no capítulo 10, no qual usará muitos exemplos para praticar os passos estabelecidos da exegese, utilizando o conhecimento adquirido para a preparação de uma pregação e estudo

bíblico. Com isso, pode-se dizer que o último capítulo do livro é a aplicação das duas seções anteriores.

Assim, o assunto do penúltimo capítulo, “Da Exegese à Exposição”, é onde o autor se dedica a fazer esboços de mensagens a partir de textos e de exegeses feitas ao longo dos capítulos anteriores. Chisholm levanta pontos interessantes sobre a pregação. Ele se preocupa em que a história deve fazer sua própria vontade, que o exegeta tem como função achar o princípio que Deus está querendo ensinar e, com isso, fazer a ponte para as aplicações nos dias de hoje.

Além disso, o autor considera relevante que, a partir do princípio da aplicação, o pregador conte uma história atual que ilustre e esclareça o ensino que o texto bíblico deseja transmitir. Ou seja, nos exemplos que Chisholm apresenta, ele sempre inicia seu sermão com uma história atual. Após isso, ele vai para o texto bíblico e faz a interpretação da passagem, aplicando o princípio que a perícopes está expondo. Nesse nono capítulo, o autor apresenta quatro exemplos de pregações em narrativas e quatro exemplos de exposições em poesias.

Para os cristãos de tradição reformada, a falta de pregação cristocêntrica no livro trará muitos incômodos. Chisholm prega sobre o Antigo Testamento por meio dos princípios e valores que o Senhor transmite ao longo do Antigo Testamento. Talvez por sua formação e atuação não se dar em meios reformados, o autor não se preocupa em fazer aplicações com o foco claramente em Cristo, mas suas pregações envolvem os ensinamentos, a sabedoria e os princípios que um texto do Antigo Testamento transmite aos que o leem.

O livro cumpre com a expectativa de fazer com que pastores e líderes que deixaram o hebraico de lado depois do seminário voltem ao texto em língua original e passem a ter um novo olhar para o Antigo Testamento. Com isso, eles poderão fazer sua exegese e pregação de maneira mais fiel ao ensino bíblico.

Em compensação, como material para o segundo ano de hebraico em seminários, o autor poderia ter explorado com mais detalhes o desenvolvimento de suas ideias exegéticas e expositivas, ao invés de usar mais da metade do livro apenas para relembrar o ensino básico do hebraico. Vale reforçar que, para pastores, professores e líderes, esse é um material excelente para exegese do Antigo Testamento. Para seminaristas, os capítulos 8-10 serão mais bem aproveitados do que os outros capítulos, que deveriam ser ensinados no primeiro ano de hebraico nos seminários.

Um dos pontos altos deste “guia prático para uso do hebraico bíblico” são diversos exemplos usados pelo autor, desde a parte gramatical até a exegese e a exposição. Isso enriquece muito o livro e o conhecimento do hebraico. Pode-se dizer que o autor não tratou das exceções às regras propostas, porém o objetivo do livro não era ser exaustivo na parte gramatical, mas relembrar o básico o suficiente para o leitor poder seguir para a interpretação e, por fim, à pregação.

A última consideração é que os exemplos de pregações, ainda que não satisfaçam a todos os leitores, se preocupam com um fator importante: tornar a mensagem atual, ou seja, não ser apenas uma boa explicação do texto, mas fazer uma ponte temporal e atingir as pessoas nas situações de vida atuais. Essa ponte é chamada contextualização. Isso é papel do exegeta e do bom pregador: poder pregar o texto, explicá-lo e extrair aplicações fiéis ao ensino do texto bíblico para o cotidiano de sua comunidade.

Da Exegese à Exposição é um livro que deveria ser referência para todos aqueles que já tiveram um conhecimento básico de hebraico. As sugestões, os exemplos, os caminhos e a aplicação na pregação ajudarão muito aos pastores de hoje a prepararem bons sermões sobre o Antigo Testamento.